

Aos Novos Professores da UCPel

Pe. Aldo Sergio Lorenzoni*

Quero me dirigir a vocês, como um de vocês, já adiantado em anos mas que participou, como jovem professor, daquele formidável esforço para dotar Pelotas de uma Universidade. A primeira universidade não-estatal do interior do Estado.

Nossa cidade já abrigava algumas instituições de ensino superior. Faltava-lhe a glória de ter a sua universidade.

Que acrescentou a universidade às faculdades isoladas que depois vieram a unir-se numa universidade?

Ninguém de nós desconhece que a universidade, como tal, nasceu no seio da Igreja. Foi a Igreja, no período áureo da Idade Média que reuniu mestres e alunos, para validar os esforços daqueles pioneiros, a dar-lhes o estatuto de “universitas studiorum”. E todas as vezes que governantes, príncipes e reis haviam criado as condições necessárias, voltavam-se para Roma a fim de ver reconhecidos os mestres e graduados os alunos, unidos em “universidade”. Foi assim que começaram os grandes centros de estudo, quer fosse em Paris ou Bolonha, em Oxford ou Salamanca.

De fato, como o expôs maravilhosamente o grande Mestre, depois cardeal e hoje bem-aventurado John Henry Newman, no seu escrito “A ideia de uma Universidade” queremos ser o lugar de encontro do conhecimento (“*a place of teaching universal knowledge*” *Preface, IX*). Ela existe primeiro para o conhecimento a ser compartilhado, comparado no convívio de professores e alunos de vários cursos e de várias faculdades. É isso que a universidade busca, cultiva e propicia. É isso que lhe deve a escola superior isolada; é isso que temos o

* Discurso de boas vindas, proferido pelo Pe. Dr. Aldo Sérgio Lorenzoni, por ocasião da acolhida aos novos professores da UCPel, no primeiro semente de 2012.

privilégio de manter há mais de cinquenta anos. E é deste convívio, com os vários ramos do saber que esta universidades chama os senhores, novos professores, a participar.

Aqui conosco estão professores de várias áreas do saber, conhecendo-se, fazendo amigos e necessariamente – talvez até imperceptivelmente – trocando conhecimento, haurido do farto estudo ou da pesquisa própria. A universidade vive dos seus espaços em comum. Nada mais alheio à ideia da universidade do que o isolamento e a exclusão.

Se a universidade garante o espaço privado da pesquisa, o silêncio do estudo, a universidade cresce com a comunhão das ideias. É que a universidade surge para consagrar a verdade – o ideal de todo o ser humano.

Eis aí, professores, estabelecido o nosso valor maior que deve moldar todo o nosso saber: a verdade. Esse nosso valor está expresso no lema que os nossos fundadores escolheram para o brasão da Universidade Católica de Pelotas: “*In vinculo Veritatis*” que poderíamos traduzir livremente por “ligados pela Verdade”.

Já que falei no brasão da universidade, concedam-me uns minutos para que lhes mostre como isso que lhes quero dizer está resumido heraldicamente, nas nossas insígnias. O brasão retrata uma estrutura de pedras de quatro pilares e três arcos que sustentam a ponte que formam, ligando duas margens de um rio e quer simbolizar a universidade de Pelotas, junto do canal do são Gonçalo. Ponte, símbolo da universidade com seus quatro centros originais, unindo entre si as ciências exatas, as ciências sociais, as ciências da saúde e as ciências humanas. A ponte – universidade está encimada em ouro pelo dístico do fundador, padroeiro de Pelotas – a “*Charitas*” de são Francisco de Paula.

Já notamos então que a Verdade que buscamos não é a luz fria que não aquece. A Universidade Católica de Pelotas está ligada pela Verdade porque quer viver e formar, na caridade, no amor.

O nosso brasão nos diz também donde vem o conhecimento da verdade que buscamos. A universidade-ponte que une mestres e alunos na busca da verdade é constantemente iluminada pelos três fochos que lhe dão suporte. São os três níveis de conhecimento, aqui cultivados: o conhecimento científico, o conhecimento humanístico-filosófico e o conhecimento teológico. Cada um desses níveis de conhecimento tem aqui sua cidadania garantida, pois que cada um tem seu método próprio, sua maneira própria de abordar a realidade, para chegar à Verdade.

Deixem-me dizer que é a filosofia, saber humano por excelência, que nos garante os nossos raciocínios e nos projeta para o campo da liberdade de que deve gozar a universidade, porque ela tem como sujeito e alvo privilegiado de estudo e de comunhão a pessoa, o ser humano, em todas as suas condições e realizações. É a lógica que nos garante a legitimidade de nossos métodos, e nos fornece na Ética os critérios para valorizar a nossa pesquisa e nosso convívio de pessoas.

Somos pessoas e por isso, em nossas reflexões, estamos afeitos ao mistério. Dizer que a universidade vive do conhecimento em todas as dimensões significa também dizer que conhecemos os nossos limites ontológicos e por isso também axiológicos. Somos seres limitados. Vivemos num mundo marcado pelos limites. John Henry Newman legitima, no escrito que lhes acenei, o conhecimento teológico, como ocupação da universidade, simplesmente, por ser área de conhecimento. E ninguém ousará negar que há, em toda a pessoa, uma necessidade autêntica de encontrar o sentido da própria vida e de conhecer e comparar as muitas maneiras como se respondeu a essa necessidade. Se somos gente submetidos ao rigor da Verdade, uma destas respostas e só uma deve ser a verdadeira. É aqui que entra todo o campo do conhecimento teológico a iluminar as mentes dos empenhados a fazer universidade. É o terceiro facho do nosso escudo, que quer brilhar, com seu método e mais com seu conteúdo, nas nossas mentes, com o subsídio da luz da fé, apoiada firmemente em nossa razão.

Bem vindos, novos professores de nossa ainda jovem Universidade. A acolhida que me deram é augúrio de convivência harmoniosa nesse Corpo Docente, por tantos títulos já tão benemérito. Obrigado